

Ana Pascoal

PT

De baixo, a presença humana, avista a montanha, que de tão presente, mas distante, é mais sombra que matéria. É sempre difícil ter a real compreensão do lugar habitado quando se vive nele. Vive-se demais, sente-se demais. Sentimo-lo, presenciamos-lo, vivemo-lo, e não existe distanciamento para o compreender.

O lugar é sombra, é ilusão. Ao distanciarmo-nos vamos ganhando a noção do espaço que se habita, do afastamento, pode-se contemplar para compreender o espaço habitado. De baixo observa-se o espaço, ganha-se espaço, espaço reflexivo, espaço habitado, presente, mas distante para se compreender e percorrer o espaço. O espaço de distanciamento que é necessário para compreender o lugar onde habitamos ou de onde somos. O espaço ganha matéria, deixa de ser ilusório.

Observar de longe a montanha permite ganhar uma clara noção do espaço, ter a percepção do observado, saber os trilhos e os caminhos que avistam. Qual o pico mais alto, saber onde está o planalto ou a planície. Saber onde estará um pequeno lugar de abrigo. Olhar de longe a montanha permite refletir com distanciamento, compreender o lugar habitado.

A fragilidade do homem, e os obstáculos que se vão encontrando, por vezes, podem esconder a realidade que de tão presente e concreta não pode ser vista e analisada. Tal como, quando o homem viaja para longe das suas raízes do seu lugar, da sua montanha, esse distanciamento permite uma visão mais clara do que é deixado para trás. Essa distância do lugar permite-nos uma leitura mais ponderada mais atenta. Uma leitura do que é o nosso lugar. Permite uma leitura crítica e consciente da identidade.

A distância permite maior lucidez, clarividência sobre as nossas raízes. Refletir sobre o distanciamento do lugar permite compreender o lugar. Mas há quem fique. Quem fique agarrado ao seu lugar não entendendo a sua relatividade.

Na Europa e em Portugal a montanha continua a ser um lugar de despovoamento, de afastamento. Regiões montanhosas que se esvaziaram demograficamente com a implantação da economia de mercado impulsionada pelo desenvolvimento dos transportes e vias de acesso aos grandes centros urbanos. Não sendo mais competitivas, as terras inclinadas e rochosas foram abandonadas por muitos dos seus habitantes. Alguns resistem permanecem nos vales e encostas, cultivando uma identidade própria.

Noutros lugares algures nesta Europa, outros chegam e são afastados por quem julga ser dono de um lugar, mas sem compreender-se a si nem ao outro.

Por isso, com este trabalho convido ao distanciamento dos nossos lugares de origem, sejamos todos migrantes por algum tempo para melhor compreender o lugar de origem, mas também para compreender melhor o outro.